

A ERA MARCADA DOS PSICOFÁRMACOS

Renata De Oliveira Viegas (renataviegas77@gmail.com)

Conrado Neves Sathler (conradosathler@ufgd.edu.br)

É sabido que a utilização de psicofármacos cresce mundialmente nas últimas décadas. O que antes era usado para tratamento e inclusão dos considerados socialmente “loucos”, agora é utilizado, muitas vezes, para curar problemas que podem ser cotidianos. Comparações históricas entre os padrões administrados às populações mostram que, cada vez mais, há um uso inconsequente das substâncias psicotrópicas, encaminhadas para uma vida marcada pela superficialidade das relações – refletida e promovida pelas campanhas de marketing com famílias perfeitas e felizes, por exemplo – e pelas próprias agências de construção da subjetividade na pós-modernidade, como podem os ver em Bauman (2004). E é justamente esse o questionamento que nos moveu nesta investigação: de que forma os psicofármacos marcam a subjetividade? O surgimento da nova área de conhecimento, a psicofarmacologia, no fim da década de 40, simbolizava a emergência de um tratamento dos transtornos psiquiátricos nos locais específicos a esse fim. O objetivo de nosso estudo foi apontar dados sobre como as descobertas, investigações e criações da ciência tornaram-se cruciais para mudanças na saúde social até as conclusões do que sabemos hoje, ser o falso fim dos ditos e frequentes sofrimentos psíquicos. A humanidade está inscrita num sentimento profundo de insatisfação. Nascer e morrer implicam em sofrimento, lembrar o passado e os erros cometidos nos submete a um desassossego contínuo. A interligação dos fenômenos mentais com as doenças organicamente conhecidas foi um dos fatores que contribuiu para as novas incertezas e confusões peculiares à sociedade contemporânea, que ao ampliar o conceito de sociedade insere uma visão cultural social. Porém não apenas produções abstratas, por assim dizer, foram submetidas aos ditos contextos, mas produções objetivas e concretas como o DSM. Este manual contribuiu substancialmente para a “alienação do homem”, ao que ele próprio é biologicamente e que sempre foi, a mudanças subjetivas que remetem a forma de enxergar-se. Como sujeito que é, faz, sente e age. Ou seja, de um novo “eu”, antes tangido à quase somente descrições biológicas e psicológicas normais, hoje são contribuintes para crescentes afirmações de sintomas psicopatológicos. Os resultados de nossas análises apontaram para uma articulação discursiva entre a biologização dos sofrimentos psíquicos e o uso generalizado da medicação. A identificação dessa associação nos textos e imagens de propagandas analisadas nos permitiu concluir que o sujeito tornado a-histórico busca soluções mais imediatas e fragmentadas.